

Deus vem, Deus está próximo e vem. Nunca nos esqueçamos disto! O Senhor vem sempre, o Senhor visita-nos, o Senhor está próximo, e voltará no final dos tempos para nos acolher no seu abraço. Diante desta palavra, perguntamo-nos: como vem o Senhor? E como o reconhecemos e acolhemos?

Papa Francisco, *Angelus*, 27 de novembro de 2022



Boletim de Espiritualidade

1 DEZEMBRO 2023
Ano X Nº 114

114



Agenda dezembro 2023

- 1 **Braga** (Casa de Soutelo) – Corações resilientes
- 1 **Guarda** (Seminário) – Jornadas de Formação
- 1 e 2 **Viana do Castelo** (Darque) – Jornadas de Pastoral
- 1 a 3 **Braga** (Casa de Soutelo) – Simpósio Inaciano
- 1 a 3 **Ávila** (CITeS) – Retiro de Advento: *Entre a confiança e o temor*
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – José Augusto Rodrigues
- 5 **Porto** (C. Cultura Católica) – «Itinerário da Iniciação à vida cristã das crianças e adolescentes com as famílias»: *Uma oportunidade* – Maria Isabel Oliveira
- 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento
- 7 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 8 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Advento – P. Agostinho Castro
- 9 **Outeiro de S. Miguel** – Conferência: *Atualidade da mensagem do sr D. João e o seu contributo para a Igreja dos nossos dias* – P. José Manuel Martins
- 9 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus
- 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro de Advento
- 11 **Lisboa** (IDFC) – Curso de introdução à Economia de Francisco
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos
- 13 **Online** – De Véspera com S. João da Cruz
- 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento
- 14 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 15 a 17 **Aveiras** – Retiro de Advento – P. André Morais
- 15 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 16 **Aveiro** (Seminário) – Dia Aberto no Seminário

- 16 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração)
- 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento
- 20 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada Pastoral com Santa Teresinha do Menino Jesus
- 24 **Aveiras** – Domingo das bênçãos

Agenda janeiro 2024

- 5 e 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Meeting de religiosos e religiosas de inspiração inaciana
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXVI Rumos
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos
- 9 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Ministérios numa Igreja sinodal* – João da Silva Peixoto
- 9 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 11 a 14 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 11 a 17 **Ávila** (CITeS) – Curso de Liturgia – Manuel Sánchez
- 12 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 12 a 14 **Fátima** (Domus Carmeli) – 5º módulo da Escola de Maria: «Maria, Mãe da Igreja»
- 12 a 14 **Ávila** (CITeS) – Meditação e contemplação: *luzes e sombras* – Maribel Rodríguez
- 13 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus
- 18 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 19 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 20 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração)
- 26 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 26 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro GOT
- 27 e 28 **Braga** (Casa de Soutelo) – Encontro retiro para referentes pastorais
- 30 **Braga** (Casa de Soutelo) – Convívio para jovens sacerdotes

Com santa Teresa dos Andes (1900-1920)

Enraizados na Alegria Divina



Natal e Trindade divina – I

Armindo Vaz, OCD

“Tanto *amou* Deus o mundo que *lhe deu* o seu filho unigénito” (Jo 3,16).

É uma verdade central da fé cristã celebrada na liturgia do Natal. Perante o dom do seu Filho na encarnação, perguntavam acaloradamente os teólogos na Idade Média: porquê Deus se fez homem no Filho? A controvérsia (mais viva entre dominicanos e franciscanos) teve como resposta clássica: Deus fez-se homem em Jesus para nos redimir do pecado original... As perguntas sobre Deus são saudáveis: tornam viva a fé, que, se não for uma fé pensada, é uma fé débil. Mas há perguntas sobre Deus que podem ser estragadas pelas respostas. Esta era uma das respostas que estragava a legítima pergunta posta a partir da afirmação lapidar do evangelho. Porquê Deus nos deu o seu Filho? A resposta correcta está na afirmação: Porque “tanto amou Deus o mundo”... Foi nessa linha que o franciscano escocês Duns Scoto aprofundou a resposta, dizendo que o motivo fundamental da encarnação foi o amor de Deus para conosco. Aliás, teria bastado completar a afirmação do evangelho de João com a espiritualidade de S. Paulo nos hinos cristológicos das cartas aos Colossenses e aos Efésios, sobre o primado de Cristo Jesus no plano da salvação dos humanos por parte de Deus: aí Jesus Cristo é visto por Paulo como o primeiro pensado e o primeiro amado por Deus, o “Primogénito de toda a criação, porque nele foram criadas todas as coisas..., tudo foi criado por ele [enquanto Palavra de Deus] e para ele” (Cl 1,15-16). Para Paulo, a encarnação do Filho de Deus em Jesus, completada na sua ressurreição, estava prevista desde sempre, independentemente do comportamento do ser humano; foi a coroa da criação, que suscitava uma criação nova: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nele nos abençoou... e escolheu antes da fundação do mundo para sermos santos e imaculados na sua presença, no amor, escolhendo-nos de antemão para sermos seus filhos por adopção, por meio de Jesus Cristo...; nele fostes selados com o Espírito Santo prometido” (Ef 1,3-14: aqui está a Trindade em acção no projecto eterno de salvação divina). Paulo não diz que a encarnação foi desencadeada por um pecado mas pelo amor de Deus, aos humanos. A encarnação não foi uma correcção do rumo, um recurso de emergência para reparar uma avaria do ser humano acidentado por um suposto pecado de Adão no princípio da história humana, pecado que em nenhum texto das Escrituras se diz ter acontecido. Se tivesse sido reacção ou resposta ao suposto pecado de Adão, então o plano divino de salvação que incluía a encarnação teria sido condicionado, activado pelo pecado humano, em vez de querido por iniciativa divina e por puro amor gratuito desde sempre, para em Jesus mostrar ao ser humano quem é Deus e o que Deus quer do ser humano. Em Jesus, em quem



BARTOLO DI FREDI – *Natividade e Adoração dos pastores*
Pinacoteca, Vaticano – c. 1383

encarnou o Filho, fomos feitos “filhos no Filho”. Ele era a manifestação suprema do amor de Deus pelo homem. E essa manifestação era necessária, independentemente de um pecado humano historicamente cometido. Em Jesus, o amor de Deus tomou forma humana, pôs no tempo um germen de eternidade, pelo que, a partir daí, a meta de cada ser humano se pode colocar para além do tempo. Jesus era/é o amor de Deus em forma humana, para poder amar e ser amado dentro da nossa história. Parafraseando o prólogo do evangelho de João, podemos dizer: no princípio era o Amor e “o Amor fez-se carne” e habitou em nós. Paulo cunha uma expressão à medida, para esta nova modalidade do amor de Deus: aos Romanos exalta “o amor de Deus que é/está em Cristo Jesus” (8,39). Afirmação densa! Como se dissesse: o Amor estava em Deus; mas pôde e pode ser visto, sentido, tocado, provado em Jesus! Só na/pela experiência do amor de Deus podemos acreditar bem n’Ele.

[continuará]

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos por Armindo Vaz, OCD

«Šemá, Ysra'el! Escuta, Israel», as tuas «santas Escrituras» (Rm 1,2), sempre actuais, sempre sujeitas à interpretação e à reinterpretação!

«Escuta, Israel: o Senhor é o nosso Deus; o Senhor é único. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Permaneçam no teu coração estas palavras que te prescrevo hoje. Repete-as aos teus filhos...

O Senhor, teu Deus, vai introduzir-te numa terra óptima, terra de torrentes de água, de fontes e de nascentes que jorram por vales e montes; terra de trigo, cevada, uvas, figos, romãs; terra de azeite e mel... Comerás à saciedade, bendirás o Senhor, teu Deus, nessa terra óptima que Ele te deu... Fica a saber que não é mesmo pelo teu mérito que o Senhor, teu Deus, te dá esta terra óptima para a possuíres, porque és um povo de pescoço duro. Lembra-te e não te esqueças de que desgostaste o Senhor, teu Deus, no deserto, desde o dia em que saíste da terra do Egipto até à tua chegada a este lugar. Fostes rebeldes ao Senhor» [Dt 6,4-7; 8,7-10.19; 9,6-7]...

«O Senhor do universo prepara para todos os povos
Um festim de manjares suculentos,
Um festim de vinhos velhos, decantados...
Aniquilará a morte para sempre.
Deus, o Senhor, enxugará as lágrimas de todos os rostos
E afastará de todo o país o opróbrio do seu povo...
Dir-se-á naquele dia: Eis o nosso Deus,
De quem esperávamos que nos salvasse.
É o Senhor em quem esperávamos:
Exultemos, festejemos a sua salvação...
Naquele dia cantar-se-á este cântico na terra de Judá:
Temos uma cidade forte.
Para a defender, Ele ergueu muralhas e baluartes.
Abri as portas para que entre um povo justo,
Que mantém a fidelidade;
O seu propósito está firme e conserva a paz,
Porque ele tem confiança em Ti.
Ponde sempre a vossa confiança no Senhor,
Porque o Senhor é a rocha perpétua...
No deserto morará a justiça
E no vergel habitará o direito:
A obra da justiça será a paz,
A acção do direito será a segurança e a tranquilidade
perpétuas.
O meu povo habitará num domínio de paz,
Em mansões tranquilas, em moradas seguras». [Is 25,6-10; 26,1-4; 32,16-18]

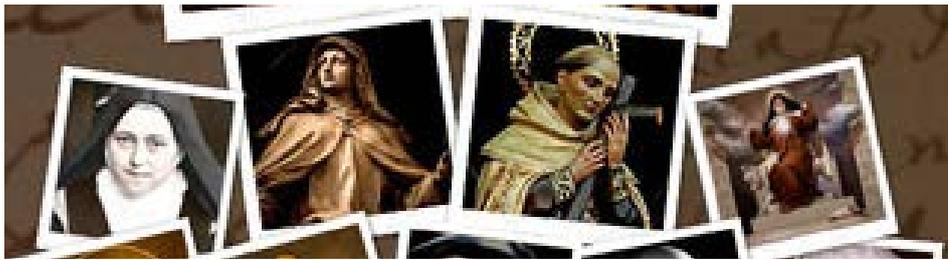
«Tu, Israel, meu servo; Jacob, meu eleito;
Linhagem de Abraão, meu amigo.
Fui buscar-te aos confins da terra,
Chamei-te das regiões remotas.
Eu disse-te: Tu és o meu servo.
Foi a ti que Eu escolhi e não te rejeitarei.
Nada temas, porque Eu estou contigo;
Não te angusties, porque Eu sou o teu Deus.



Eu fortaleço-te e auxilio-te
E amparo-te com a minha mão direita vitoriosa.
Olha: serão envergonhados e confundidos
Todos os que se enfurecem contra ti;
Serão aniquilados e destruídos os que lutam contra ti...
Serão aniquilados e deixarão de existir
Aqueles que te fazem a guerra.
Porque Eu, o Senhor, teu Deus...,
Digo-te: 'Não tenhas medo,
Eu mesmo ajudar-te-ei!' – oráculo do Senhor.
O teu redentor é o Santo de Israel.» [Is 41,8-14]
«Levanta-te e resplandece, Jerusalém,
Que está a chegar a tua luz!...
Estrangeiros reconstruirão as tuas muralhas
E os seus reis estarão ao teu serviço...
Para te trazerem as riquezas das nações,
Acompanhadas pelos seus reis...
Virá a ti a glória do Líbano,
Com o cipreste, o cedro e o pinheiro,
Para adornar o lugar do meu santuário...
Os filhos dos teus opressores virão a ti humilhados;
E os que te desprezavam prostrar-se-ão a teus pés.
Chamar-te-ão 'Cidade do Senhor',
'Sião do Santo de Israel'...
E ficarás a saber que Eu, o Senhor, sou o teu salvador...
Instituirei como vigilância sobre ti a paz;
E como capataz, a justiça.
Não se ouvirá mais a *violência* [hamás, em hebraico] na tua
terra,
Nem a devastação e a ruína dentro das tuas fronteiras.
Às tuas muralhas chamarás 'salvação'; e às tuas portas,
'louvor'...
O Senhor será a tua luz perpétua e o teu Deus será o teu
esplendor...
No teu povo todos serão justos,
Possuirão a terra para sempre». [Is 60,1.10-21]

De véspera com...

São João da Cruz



«De Véspera com» é uma proposta de formação na área da espiritualidade que os Carmelitas Descalços proporcionam no dia anterior à celebração litúrgica dos principais santos e beatos do calendário próprio do Carmelo. Este momento de formação e oração constará de uma comunicação, às 21h30. Ao aproximar-se a celebração da solenidade de S. João da Cruz, reformador dos Carmelitas Descalços e doutor da Igreja, haverá no dia 13 de dezembro, uma transmissão *online* com um momento formativo e espiritual orientado pelo P. André Morais. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem dos Carmelitas em Portugal. [🔗](#)

Encontros bíblicos

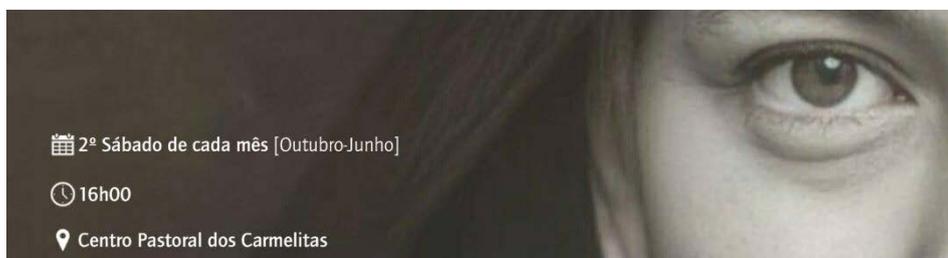
Viana do Castelo, em cada segunda segunda-feira de cada mês



A comunidade dos Carmelitas Descalços de Viana do Castelo, consciente de que o caminho do cristão é um itinerário que se vai fazendo passo a passo ao longo de toda a vida, programou uma série de *encontros bíblicos* para ajudar a percorrer este caminho, que por vezes se apresenta simples e plano, outras, duro e difícil. As sessões realizam-se na segunda segunda-feira de cada mês, às 21:00h. A comunidade convida todos os interessados em aprofundar a leitura orante da Palavra de Deus a participarem nestas sessões de reflexão, diálogo e oração, dedicadas ao Evangelho de São Marcos. [🔗](#)

Guias para Deus

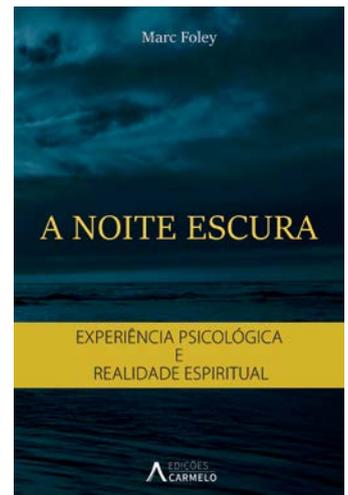
Foz do Douro, segundo sábado de cada mês



A comunidade dos Padres Carmelitas Descalços da Foz do Douro apresenta mais uma edição da atividade *Guias para Deus: caminhar com os Santos do Carmelo*. Neste ano em que se celebra o 150.º aniversário do nascimento de Santa Teresinha do Menino Jesus e o 100.º aniversário da sua beatificação, os encontros serão dedicados a aprofundar a espiritualidade desta jovem carmelita francesa, doutora da Igreja. As sessões serão orientadas pelos jovens frades carmelitas que pretendem ajudar os participantes a percorrerem um itinerário de aprofundamento na fé, auxiliados por Teresa de Lisieux. [🔗](#)

A Noite Escura

Marc Foley



A experiência da noite escura acontece na vida de muitas pessoas que, frequentemente, têm sérias dificuldades em compreendê-la e vivê-la. S. João da Cruz escreveu o livro *Noite Escura* precisamente para ajudar os leitores a compreender e a viver as noites como parte integrante e necessária do caminho espiritual. Mas a leitura deste livro pode revelar-se um pouco assustadora para muitos. A descrição das noites escuras que o místico apresenta parece tão dura e dolorosa que podemos sentir-nos tentados a fechar o livro e parar a leitura, perdendo assim um imenso tesouro. Para além disso, tanto o processo que descreve como a linguagem que utiliza podem ser um pouco confusos e intimidantes.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

cloustrô

Fé e Graça: encontro íntimo e místico.

Dina Louro, formadora na área comportamental e coordenadora dos Grupos de Oração Teresiana (GOT), fala-nos de como a Fé concebe a vida como um diálogo; um encontro que acontece entre a alma e Jesus; um encontro onde acontece um diálogo insondável, terno, infinito e com sabor a Céu. No seu artigo, somos convidados a uma viagem inesperada na presença do Espírito, até Cafarnaum. [🔗](#)

Despertar consciências no ensino.

Teresa Eugénio, professora e Carmelita Secular, traz-nos uma reflexão que vai ao encontro do apelo do Papa Francisco ao despertar consciências para a nossa Casa Comum. Trata-se de um exemplo sobre metodologias de ensino mais inovadoras e potenciadoras de maior abertura ao outro com o objetivo de levar os jovens, os futuros profissionais, a pensarem sobre a sustentabilidade nas organizações. [🔗](#)



Um rosto missionário português: Bem-aventurado Frei Redento da Cruz

Militar, Carmelita Descalço e Mártir

Marco Caldas, OCD

Nota de abertura

No dia 29 de novembro de 2023, assinalam-se os **425 anos do nascimento e os 385 anos do martírio** de Frei Redento da Cruz, também conhecido na sociedade civil como Tomás Rodrigues da Cunha. Este ilustre personagem foi um dos portugueses que, em 1638, integrou a embaixada de Francisco de Sousa de Castro, enviada de Goa pelo vice-rei Pero da Silva ao reino de Achem, onde acabou sendo traiçoeiramente aprisionado. Nascido em 1598 na freguesia de Cunha, no concelho de Paredes de Coura, Tomás da Cunha partiu de Lisboa na armada do Conde de Redondo, D. João Moutinho, que ocuparia o cargo de vice-rei da Índia entre 1617-1619.

A trajetória de Tomás na Índia revelou-se notável, destacando-se não apenas como militar, mas também como líder de confiança, encarregado de missões de chefia. Contudo, após cerca de vinte anos, encontrou um destino trágico, sendo vitimado por golpes de azagaias e punhais dos soldados do Achem. Importante notar que, nesse momento crucial, Tomás Rodrigues da Cunha já havia abandonado uma promissora carreira nas armas, abraçando a vida religiosa ao vestir o hábito dos Carmelitas Descalços. Adotando o nome de Redento da Cruz na Ordem Carmelita Descalça, Frei Redento enfrentou o martírio, confessando a fé, em 29 de novembro de 1638. Reconhecendo sua devoção e sacrifício, a Igreja Católica beatificou solenemente este carmelita descalço em 19 de junho de 1900.

Apesar das honras de altar e do significado religioso que o Bem-aventurado Frei Redento da Cruz detém, é notório que sua figura é pouco conhecida, até mesmo na terra natal. Nesta modesta homenagem, buscamos resgatar e recordar a vida deste mártir através das páginas que se seguem, oferecendo um tributo à sua coragem e devoção.

1. O Berço de Tomás Rodrigues da Cunha

A trajetória de Tomás Rodrigues da Cunha é entrelaçada com os acontecimentos notáveis do século XVI em Portugal, marcado pela exploração audaciosa dos oceanos e a descoberta de novos mundos, como poeticamente retratado em “Os Lusíadas”. Contudo, esse mesmo período testemunhou grandes migrações, tanto internas quanto sazonais, influenciadas por doenças, guerras e perseguições religiosas.

Nascido em 1598, Tomás viu sua terra natal, Paredes de Coura, enfrentar desafios significativos durante a guerra da Restauração, destacando-se na batalha conhecida como “Combates da Travanca” (1663). A região, apesar de uma história marcada pela produção cerealífera, enfrentou declínio econômico no século XX, agravado pela guerra colonial e pela emigração em massa.



O flagelo da peste, que atingiu Lisboa em 1598, ano do nascimento de Tomás, também alcançou Paredes de Coura por meio de uma urca proveniente da Galiza. Nesse contexto, o jovem que mais tarde adotaria o nome Redento da Cruz, ao entrar para a Ordem dos Carmelitas Descalços, recebeu seu batismo em 15 de março de 1598.

A freguesia de Cunha, onde Tomás nasceu, era parte de um concelho descrito como montanhoso, com uma população escassa e dispersa, fazendo fronteira com a bacia hidrográfica do Coura. Durante a guerra da Restauração, Paredes de Coura desempenhou um papel crucial nas operações militares contra a Galiza e na defesa contra as invasões espanholas.

A família de Tomás, os Cunhas, parece ter tido uma presença significativa na região, possivelmente como proprietários de terras, embora sem indícios de uma nobreza ostensiva. A vida na comunidade, conforme refletida nos registros paroquiais, revela uma interconexão estreita entre os membros da família e a população local.

Tomás, filho de Baltazar Pereira e Maria da Cunha, cresceu provavelmente em um ambiente agro-pastoril. Apesar da falta de detalhes sobre a fortuna de seus pais, é sugerido que a condição social não era de pobreza, mas sim de uma vida confortável. A ascensão social da família Cunha, observada nos filhos de Baltazar e Maria, é notável, destacando-se António, que alcançou posições políticas importantes em Portugal.

A juventude de Tomás provavelmente transcorreu dedicada às atividades agro-pastoris até sua mudança para a capital. Ainda que possa não ter havido opulência, sua família certamente não vivia na pobreza. Tomás Rodrigues da Cunha, integrante destacado da linhagem dos Cunhas de Coura, emergiu como um militar e, posteriormente, um carmelita descalço, contribuindo para a riqueza histórica dessa família e da região de Paredes de Coura.

2. Militar

Tomás Rodrigues da Cunha, ao que parece, não usufruiu de condições semelhantes às dos irmãos no que diz respeito à instrução, ou talvez não soube aproveitá-las. A instabilidade política do país, que se recuperava da tragédia de Alcácer-Quibir e estava sob o domínio da coroa espanhola, pode ter afetado a vida do casal de Lisouros, especialmente com dois filhos já fora do lar. Outras questões, como problemas de saúde dos filhos mais novos, Gaspar, Baltazar e Tomé, podem ter influenciado o rumo escolhido por Tomás. Não temos informações precisas sobre esses aspetos. De qualquer forma, é razoável supor que ele tenha recebido uma instrução inicial, conhecimentos básicos de escrita e contas, de algum dos padres da família, como o abade Gaspar Lamego, parente, ou o irmão do pai, Padre Duarte Pereira, que batizou Francisco.

A família, numerosa, incluía três rapazes seguidos por Maria, a primeira filha, e depois Isabel. João, o pequenino de casa, possivelmente nasceu após a perda de outro filho, quando Tomás tinha dezassete anos. Dois anos depois, Tomás tomou a decisão de deixar a aldeia e partir para a corte, a capital do reino na época.

A Crónica dos Carmelitas relata: “Já mancebo, (...) não cabendo em Paredes, lugar grande apenas por sua pátria, resolveu deixá-la e passar para as Índias de Portugal em serviço da Coroa e da Igreja.” Genealogistas mencionam outros Cunhas que foram para a Índia, várias gerações antes, possivelmente como soldados. Tomás, movido pelo espírito de aventura e ambição, escolheu seguir esse destino como a melhor oportunidade.

Assim, Tomás da Cunha partiu para Lisboa e, seguindo os passos da diligência e da fortuna, embarcou com o Vice-Rei D. João Coutinho, conde do Redondo, em direção ao Oriente, onde nasce o Sol.

A ventura que proporcionou a Tomás Rodrigues da Cunha acomodação à sombra do vice-rei era, supostamente, uma carta ou cartas de empenho, as quais os recrutas deveriam portar consigo. Mesmo sem outras recomendações, bastaria a exibição do “instrumento de geração,” conferindo-lhe o direito a certo patrocínio no exército, uma tradição que mais tarde seria institucionalizada.

A armada do vice-rei, bem provida e equipada com mais segurança do que as destinadas ordinariamente ao transporte de soldados para nossas praças além-mar – representando já um privilégio ser admitido nela –, partiu de Lisboa em 21 de abril de 1617, alcançando Goa em 18 de novembro seguinte.

Desconhecemos as ações militares específicas em que Tomás da Cunha participou durante sua permanência na guarnição de Goa. Contudo, nesse momento

crítico da nossa conquista sob domínio filipino, as investidas dos holandeses contra as posições portuguesas, em terra e no mar, eram persistentes. Tomás provavelmente esteve envolvido em diversos conflitos navais e terrestres, demonstrando destemido valor. Foi enviado como cabo de uma esquadra para o presídio de Calamina (São Tomé de Meliapor), onde sua conduta o levou a ser alçado a Capitão da guarda pessoal do governador Ruy Dias de S. Payo.

Antes de sua partida para São Tomé de Meliapor, sob o governo do conde de Redondo, há indícios de uma possível passagem de Tomás da Cunha por Ormuz, com destino à Pérsia. Uma carta do vice-rei ao escrivão da feitoria em Ormuz menciona a partida de Tomás para a Pérsia em outubro de 1619. Talvez estivesse acompanhando algum emissário português na tentativa de estabelecer trato comercial com o soberano persa. Sua escolha para essa missão sugere atenção especial do rei Filipe III, mesmo sendo um simples soldado.

Na Crónica dos Carmelitas, Tomás é mencionado quando deixa a guarnição de Goa, agora como cabo de uma esquadra, comandando soldados com destino ao presídio de Meliapor, na Índia oriental. Se sua graduação visava distingui-lo, seu desempenho nesse novo posto, à frente da guarnição do forte, lhe valeu a confiança do governador Rui Dias de Sampaio, que o fez capitão da sua guarda pessoal.

Tomás permaneceu em Meliapor por alguns anos. Durante esse tempo, teve a oportunidade de experimentar a vida social da vila, sendo “brindado de muitas e nobres conveniências do estado conjugal,” embora tenha resistido a tais avanços, mantendo-se íntegro, sem quebras de moço.

3. Carmelita Descalço

Nas Crónicas dos Carmelitas há um hiato de informações sobre o ano exato em que Tomás Rodrigues da Cunha escolheu a vida religiosa. O cronista leva-nos abruptamente ao reino de Sinde, onde Tomás se hospeda no convento de Carmelitas Descalços, na cidade de Tatta. Lá, ele observa o modo de vida dos religiosos e decide pedir para ser aceito como donato, iniciando assim o seu noviciado. No entanto, os motivos que o levaram a realizar essa longa jornada até um convento distante não são mencionados. Pode-se supor que, após tomar essa grande decisão, Tomás tenha-se dirigido ao convento de Goa e, posteriormente, ao de Tatta para iniciar a sua vida religiosa.

Recebido pelos Carmelitas Descalços por volta de 1627/1629, Tomás completou o seu noviciado em dois ou três anos, sujeito a um regime bastante austero. Após esse período, fez a sua profissão, provavelmente no convento de Tatta, e pronunciou os votos solenes ao transferir-se para a residência carmelitana de Diu. Agora conhecido como o irmão donato Redento da Cruz, devido à falta de instrução que o impedia de aspirar ao sacerdócio, ele foi enviado de Diu para o convento de Goa (fundado pelo Padre Frei Leandro da Anunciação, natural de Burgos, que fundou aí em 1620 o convento de Nossa Senhora do Carmo, e fê-lo com verdadeira grandeza oriental) onde passou a maior parte de sua vida religiosa.

Em 1631, já professo e sacristão, ele estava em Goa, como nos conta o Padre Frei Filipe da Trindade na biografia que escreveu dos dois protomártires carmelitas, onde ocupou humildes funções como sacristão e porteiro, tarefas que geralmente eram atribuídas aos donatos. Essas ocupações modestas, no entanto, contribuíram para a sua notoriedade, pois era reconhecido pela sua bondade e afabilidade, recebendo respeito e afeto de todos, independentemente da sua posição social.

Tomás Rodrigues da Cunha parece ter sido um homem de firmeza de caráter, alguém que não tolerava a corrupção e que resistia a práticas imorais que testemunhara durante o seu tempo como militar. A sua decisão de renunciar à oportunidade de enriquecer na Índia e dedicar-se à pobreza carmelita é elogiável. Apesar da sua modesta posição como donato, a sua vocação teria um desfecho notável ao colaborar com o irmão Dionísio da Natividade numa viagem ao Achem, na Indonésia, tornando-se os protomártires dos Carmelitas Descalços.

4. Mártir e Bem-aventurado

Os Carmelitas Descalços empenharam-se na promoção do processo de reconhecimento do martírio pela fé dos seus dois religiosos. Em 26 de agosto de 1639, muito antes de passar um ano sobre os eventos, foi colhido um primeiro depoimento sobre os mesmos, por ordem do arcebispo primaz de Goa.

Em 20 de março de 1642, diversos depoimentos foram tomados, incluindo o do embaixador Francisco de Sousa de Castro, já em Goa, e em 12 de março de 1643 registou-se mais um depoimento. O próprio Francisco de Sousa de Castro, por carta ao superior geral dos Carmelitas Descalços em Roma, em 3 de março de 1643, informou que também escrevia ao cardeal da Congregação dos Ritos solicitando a verdadeira inquirição do sucedido, pedindo apoio com a sua autoridade. A causa foi introduzida em 18 de maio de 1675.

Passados alguns anos, porém, a dúvida surgiu, e o andamento do processo foi suspenso, alegando-se que a morte dos dois carmelitas teria tido uma motivação mais política do que religiosa. Dois séculos decorreram até que, em 1876, a Ordem decidiu retomar a causa. Na época, no arcebispado de Goa, já não havia memória do processo, o que resultou em novos obstáculos.

Em 1890, os Carmelitas Descalços pediram ao Papa Leão XIII que se concluísse a causa da beatificação dos seus religiosos, entrando-se então na fase definitiva. Em 25 de março de 1900, o Promotor da Fé considerou, entre outras conclusões do seu relatório, que a causa do martírio dos dois carmelitas não foi, como poderia parecer, a sua qualidade de portugueses, mas o ódio ao nome de cristãos.

Finalmente, o processo culminou com a beatificação dos mártires, Padre Dionísio da Natividade e Frei Redento da Cruz, em 25 de março de 1900, na festa da Anunciação. A leitura do mesmo foi agendada para 10 de junho seguinte, na festa da Santíssima Trindade, e ocorreu na basílica de São Pedro do Vaticano, com toda a solenidade, diante de muitos milhares de fiéis.

Tomás Rodrigues da Cunha experimentou uma transformação espiritual significativa. A sua vida, embora tenha sido em grande parte esquecida pela história ao longo dos séculos, emerge como uma história igualmente ilustre, proporcionando insights profundos sobre as complexidades da vida familiar, os desafios sociais e as escolhas individuais durante uma época marcante na história de Portugal.

A procura da contemplação, a entrega à vida de oração, a busca pela simplicidade e o comprometimento com o serviço aos outros definem o ethos da figura de Frei Redento da Cruz.

No contexto do século XXI, a sua vida personifica os contrastes e desafios da sua época, em que a busca por riquezas se entrelaçava com uma profunda busca de uma vida de entrega e missão. Seu legado persiste como um inspirador exemplo de coragem, fé e dedicação ao serviço do outro.

Retiro de Advento: Com Teresinha, de Maria a Jesus

Avessadas, de 15 a 17 de dezembro



COM TERESINHA, DE MARIA A JESUS
Retiro de Advento
Orienta: Pe. André de Santa Maria
📅 15 a 17 de dezembro 📍 Convento de Avessadas
✝️
☎️ 256 538 150 | avessadas@carmelitas.pt

A Comissão de Espiritualidade da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços vai promover, no fim-de-semana de 15 a 17 de dezembro, a realização de um retiro de Advento, sob orientação do Padre André de Santa Maria. O retiro destina-se a todos quantos desejarem preparar, com momentos de silêncio e de oração mais intensa, o Natal do Senhor.

No ano em que se celebram os 150 anos do nascimento de Santa Teresinha do Menino Jesus, as reflexões terão como fio condutor esta Doutora da Igreja para adentrar nos mistérios que antecedem e preparam o Natal. Partindo da última poesia que Teresinha escreveu, poesia essa dedicada totalmente a cantar o motivo do seu amor a Maria, os participantes serão convidados a prepararem o coração e a vida para a vinda do Senhor, meditando em alguns acontecimentos da vida de Maria observados com os olhos de Santa Teresinha do Menino Jesus. 🔗

Dor, morte e luto na família de Santa Teresinha*

Frei João Costa, OCD

Os pais de Santa Teresinha, Zélia e Louis Martin, casaram-se em 1858 e viveram uma vida matrimonial de 19 anos, até à morte da esposa. Inicialmente o projecto do casal era viver a continência no casamento, mas abrindo-se ao projecto de Deus acolheram nove filhos – Zélia, empreendedora, empresária e mãe, será, sobretudo, mãe; escreverá a propósito: «*Amo loucamente as crianças; nasci para tê-las*», pelo que todas as suas energias eram canalizadas para a educação da prole, tomando sempre por base a confiança.

De 1860 a 1873 nasceram-lhes nove filhos: Maria (1860); Paulina (1861); Leónia (1863); Helena (1864); José Luis (1866); José João Baptista (1867); Celina (1869); Melânia (1870) e Teresinha (1873). Dos nove morrerão os dois meninos – José Luis de cinco meses; e José João Baptista, de oito –; e duas meninas – Helena, aos cinco anos; e Melânia com pouco mais de um mês –.

A abundante correspondência de Zélia revela o profundo afecto existente entre o casal, e as alegrias e sofrimentos brotando ao ritmo dos nascimentos e mortes dos filhos. Publicando-se este texto no dia de Fiéis Defuntos reflectiremos sobre a vivência da morte e do luto, e a relação com os defuntos naquela família abençoada, muito embora a morte a tenha visitado precocemente, por quatro vezes, na pessoa de quatro crianças.

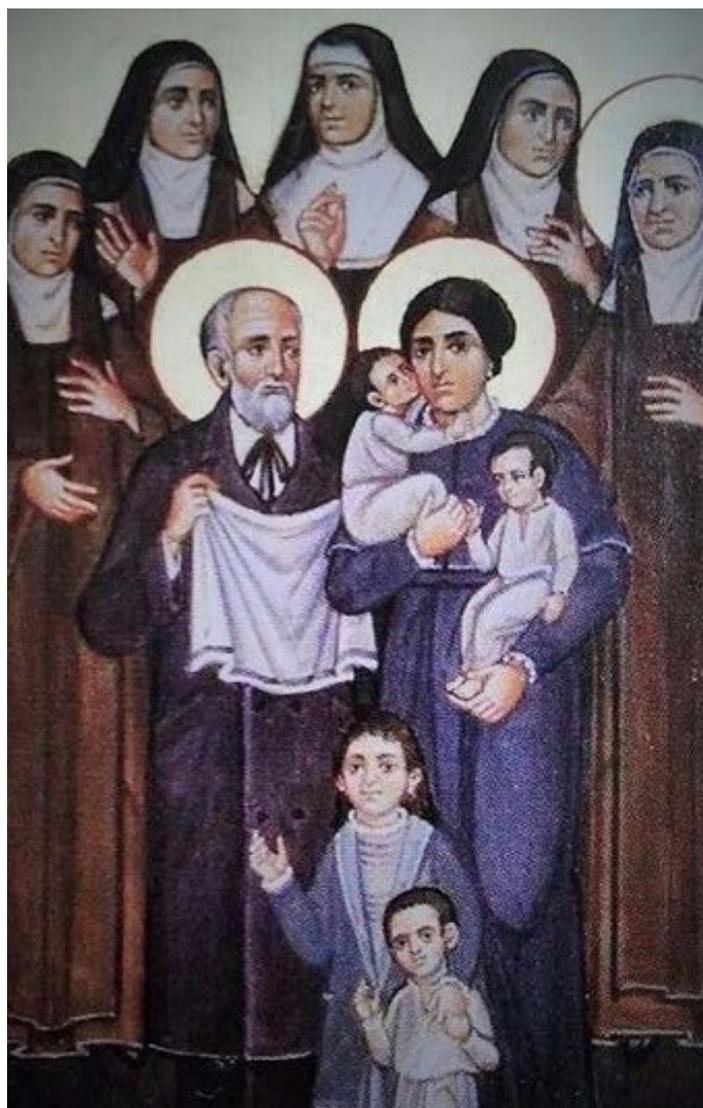
Nenhum pai é para ver ir os filhos à frente. Zélia e Louis, porém, viram. Acompanhemos os sentimentos do casal santo que nunca roçaram nem a histeria nem o desespero, antes a serenidade e a esperança e, por fim, também os de Teresinha.

Zélia e Louis sempre se sentiram profundamente abençoados com o nascimento dos nove filhos. A cada morte precoce correspondeu, naturalmente, um doloroso período de luto. Porém, jamais enfraqueceram a sua confiança na bondade do plano de Deus, antes mais se abandonaram, amorosamente, à Sua vontade. E é assim que o seu exemplo santo representa um modelo de como enfrentar a morte e consequente ausência de familiares e amigos.

Como se verifica no elenco acima, quando Teresinha nasceu já os quatro irmãozinhos haviam morrido; ela, sempre débil de saúde, seria a quinta, aos 24 anos de idade. Tão piedosa quão carinhosa, Zélia, a mãe, soube viver e ler o mistério da morte e a enquadrá-lo no coração das filhas sobreviventes.

Antes de nascer o primeiro menino o casal tinha já quatro filhas; por isso, todas as noites, a pedido da mãe, «*as mãos das pequenitas juntavam-se para pedir a São José um irmãozinho que oferecesse a Hóstia Santa e fosse para terras distantes evangelizar os pagãos*». Num dos partos mais felizes o menino nasceu mas, seis meses depois, seria o primeiro a falecer. Sem outro arrimo que não a fé, Zélia resignou-se com a vontade de Deus: «*Ele no-lo deu. Ele no-lo tirou!*»

Tão só nove meses depois, em pós doloroso parto, nasceu José João Baptista. Em palavras da mãe era «*muito*



forte e muito vivo». Contudo morreria oito meses depois, soçobrando a três de bronquite agravados por uma crise intestinal tão aguda que fizeram a mãe suplicar o fim do calvário do filho: o menino «*passou uma noite de cruel sofrimento e eu pedia, com lágrimas, que Nosso Senhor o levasse. Foi um alívio quando o vi dar o último suspiro*». Deitando-o no seu caixãozinho, banhada em lágrimas, a mãe coroou-o de rosas brancas, e por entre lágrimas e suspiros, confortava-se: «*agora semeias em lágrimas, mas há-de recolher na abundância da alegria do Senhor!*».

O golpe mais duro, também o mais inesperado, aconteceu em finais de fevereiro de 1870: Helena, de cinco anos, «*a preferida de toda a família*», morreria «*após uma crise que durou um só dia e sem que o médico pudesse adivinhar a gravidade do mal*». Banhada em lágrimas, Zélia assistiu a filha naquelas horas que se prolongaram pela noite dentro até às dez da manhã. Despertando em meio do torpor a menina soergueu-se, rodeou o pescoço da mãe com os dois bracinhos e consolou-a como pôde, dizendo-lhe: «*Minha pobre mãezinha, que esteve a chorar!*»... E se grande tinha sido o desgosto pela morte dos dois meninos, «*a perda desta causou-me um ainda maior. Agora que eu começava a apreciá-la, de tão meiga e desenvolvida...*».

E nada mais tendo, nem melhor podendo para debelar a dor familiar, Zélia em conformidade com a sua fé, oferecia para consolo do Coração de Deus «o seu coração esmagado por uma prensa».

Naquele mesmo ano faleceria, Melânia, de pouco mais de um mês de vida. Não tendo leite para a filha, Zélia confiou a bebé a uma ama que «a deixou definhara». Quando a mãe disso se apercebeu, já nada pôde fazer senão o funeral sob terríveis sofrimentos.

Que poderia consolar o coração daqueles pais, ou quem lhes atenuaria o luto pela perda dos quatro meninos? – Fruto dos veios da terra não conhecemos nenhum bálsamo; e um só se lhes impôs: a esperança do Céu! Além disso, algumas testemunhas dizem-nos que Louis e Zélia «conservavam gravadas na retina as feições queridas dos desaparecidos, e consagravam-se aos que lhes ficavam, unindo, em magnífica solidariedade, a família terrena e a família que vivia no mundo melhor, sendo esta que protegia a outra».

Perante a morte, ainda mais se de um bebé ou de uma criança, cessam as palavras até para fazer perguntas. Pela benéfica força da graça de Deus, porém, podem florir pequeninas flores de esperança nos corações que doridos ficam. E a fragância dessas florinhas poderá ajudar a confiar que – adiantando-se os filhos aos pais para as moradas eternas – por desígnio de Deus, eles são constituídos como intercessores dos que restam na peregrinação terrena. Isso confirma Zélia numa carta: «quando fechava os olhos dos meus filhinhos nunca lamentei os trabalhos e preocupações que tinha sofrido por eles. Muitas pessoas diziam-me: “Mais valia não os ter tido”. Mas eu não suportava essa maneira de falar, porque eu não os tinha perdido para sempre: a vida é curta e cheia de misérias e havemos de nos encontrar lá em cima!».

Essa esperança, sem analgésicos, confortou e aliviou o coração de Zélia e Louis, «aqueles pais inigualáveis», e passou admiravelmente para o coração das cinco meninas. Isso se pode ver, por exemplo, na vida e na fé de Teresinha. Certo dia, estando já ela no carmelo, uma irmã perguntou-lhe porque sempre sorria, mesmo diante das grandes tribulações eu sofria. Ao que Florinha respondeu: «A dor é minha. O meu rosto é dos outros. Convém que eu sorria».

E sorria e confiava. Confiava-se também à «comunhão dos santos» que é um artigo da fé cristã pouco recor-



gado. «No início da sua vida espiritual», na volta dos treze para os catorze anos, e na sequência de um retiro, viveu uma terrível crise de escrúpulos que se negava a todo o cuidado. Não lhe advindo solução de quadrante algum – Maria entrara já no carmelo... –, confessa ela, «dirigi-me aos quatro anjinhos do céu, pois pensei [...] que teriam compaixão da sua pobre irmãzinha que tanto sofria na terra. Falei-lhes com simplicidade de criança. A sua partida para o céu não me parecia razão suficiente para que me esquecessem. Ao contrário [sentia que] deviam dispor dos tesouros divinos para me conceder a paz. A resposta não se fez esperar. Em pouco tempo a paz inundou a minha alma».

* Publicado no jornal Diário do Minho de 4 novembro 2023

”

Combatamos sem tréguas, mesmo sem esperança de ganhar a batalha. Que importa o sucesso? Avancemos sempre, seja qual fôr a fadiga da luta... É preciso cumprir o dever até ao fim.

(Santa Teresinha, UC 6.4.2).

Com santa Teresa dos Andes (1900-1920)

Enraizados na Alegria Divina

"Deus é a alegria infinita"



“Deus é a alegria infinita”. Esta afirmação célebre de Santa Teresa dos Andes (1900-1920), primeira chilena a ser canonizada, dá o tom a este retiro de Advento 2023: sim, Deus é bem mais amável, mais belo, mais amante do que geralmente pensamos! Teresa no-I’O dará a descobrir dando-nos o exemplo duma santidade cheia de afabilidade e partilhando connosco conselhos acessíveis para que também nós nos enraizemos na alegria divina. Na sua escola constataremos que é possível crescer numa santidade alegre, junto do divino Recém-Nascido...

DE 29-11-2023 A 07-01-2024

Formato e ritmo do Retiro:

Após uma introdução ao retiro enviada na quarta-feira, 29 de novembro, cada participante receberá um e-mail semanal, todas as sextas-feiras. Poderá baixar o conteúdo da semana em: Formato Word ou PDF (versão para PC ou mobile). Neste e-mail encontrará:

- Uma meditação a partir do Evangelho e de escritos de Santa Teresa dos Andes,
- Pistas para pôr em prática,
- Um vídeo alusivo à meditação,
- O calendário do Advento para rezar dia-a-dia.

Inscrições: www.webretiro.karmel.at

Email : webretiro@karmel.at

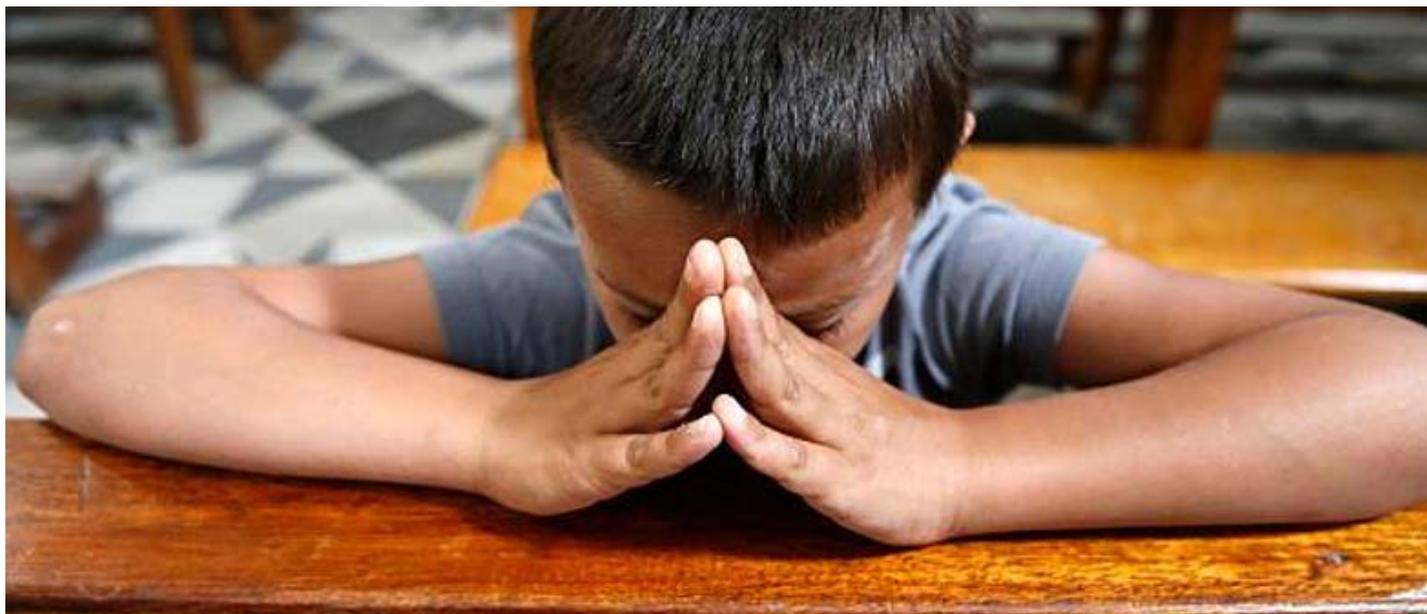


www.carmelitas.pt



Pequeninos convosco e diante de vós

Frei João Costa, OCD



Sem esgotar o tema, apresenta-se uma breve reflexão sobre os Seminários. Num primeiro momento aborda-se a necessidade, e até urgência, em manter esta inadiável instituição eclesial para o bem de todo o corpo da Igreja; na segunda parte fala-se de uma realidade eclesial concreta onde, afinal, ainda que pareça o contrário, já chegou o inverno. Não se fala aqui da renovação do modelo de Seminário – o que poderá ser tema para uma reflexão ulterior – mas parece-nos que, mais do que nunca, o modelo sacerdotal de que necessitam as comunidades eclesiais é a de um servidor do Evangelho ao estilo de Jesus que sempre manifestou a sua preferência pelos pequeninos e os frágeis, e sempre soube abaixar-se ao nível do seu olhar para melhor os compreender, levantar e servir.

I

Algures ao se iniciarem os frios do outono, os católicos dedicamos uma semana a orar pelos Seminários. Ainda que os lábios mais se nos abram nesses dias, a necessidade é de sempre porque a Igreja não pode dispensar o sacerdócio ministerial a fim de pescar pessoas, retirando-as das águas sujas, fundas ou revoltosas. Provavelmente hoje mais que nunca é preciso quem se atire às frias águas para delas resgatar quem nelas se afunda, livrá-las do perigo de se afogarem e ressuscitá-las de todas as ameaças da morte.

Mas o que significa esse atirar-se às águas frias?

Significa muitas coisas; que onde reinarem laços de morte aí se justifica a presença de um nadador salvador, de um lutador pela vida, de um sacerdote. Veja-se: a sua pregação é a proclamação do anúncio evangélico – e não há palavra mais libertadora; a orientação de comunidades a ele confiadas significa que ele sabe conduzir cada um ao lugar das águas boas e salutares – as que dessedentam, lavam e curam; a acção de acompanhamento espiritual diz que ele sabe assinalar a Estrela Polar que pode orien-

tar os passos de cada um; apresentá-lo como administrador dos sacramentos é dizê-lo portador e difusor dos sinais sensíveis da graça, para que por eles Cristo actue em cada um de nós, nos cure e nos salve; e é animador da caridade – homem de serviço que encoraja os irmãos, de acolhimento e de reconciliação, conselheiro esclarecido e testemunha da esperança; aquele que lava os pés aos outros, e sofre com os doentes e os frágeis, os marginalizados e os que estão caídos à beira do caminho. É de si para esquecer-se de si, e de Deus para dar-se, abandonando-se, tantas vezes isolado, cansado e esquecido... mergulhado em tão profundo stress interior que se alimenta do pão do medo e da angústia.

(Não sou eu que o digo, é um bispo...)

O sacerdote é o sacerdote; cumprir os desígnios acima – que ali só sumariados estão, e nem se elencaram todos!... – é porque ele é outro Cristo. E não o é; ou melhor, em sua fragilidade de espelho baço nem sempre o é. Frequentemente, o sacerdote corre tanto ou mais que os demais, que chega a não ter tempo para se cuidar e cultivar a si mesmo; e cai no desânimo existencial, no cansaço psicológico, no fracasso moral, na desmotivação espiritual, no individualismo, na falta de oração e de compromisso pastoral.

(Do diagnóstico do mesmo bispo...)

Oremos e lutemos contra estes sinais que asfixiam a vida, a beleza e a saúde espiritual dos sacerdotes de hoje.

Falando assim – e não há outra maneira de falar... –, parece que falamos de heróis que não o conseguem ser, mas deveriam sê-lo, tão ousado é o programa de vida; tão ingente é a tarefa para homens tão pequeninos... Aliás, ser-se bem pequenino (e aceitar sê-lo...) é, porém, o ponto de partida para a proveitosa acção do sacerdote de Cristo.

Fazer-se pequenino foi sempre o método do apóstolo São Paulo: «*Fizemo-nos pequenos no meio de vós*» (1Tessa-

lonicenses, 2:7)! A grandeza do maior missionário cristão foi mesmo essa: quando se apresentou para evangelizar, apresentou-se pequenino. Com modéstia, isso o confirma ele, ao mostrar-nos como fazia quando se achegava para evangelizar.

Sim, na pessoa do Apóstolo, o grande fez-se pequenino, porque ele não se engrandecia como o sol, antes se humilhava como o chão.

O Apóstolo (e Silas) chegou a Tessalónica, hoje, Salónica, actual Grécia, muito provavelmente no ano 50. Àquela data aquela era uma cidade florescente, um importante empório comercial, político e cultural, centro atractivo de vários povos, atraídos pelas oportunidades de comércio, trabalho e prazer. Era uma verdadeira capital gozando de prosperidade, poder sem precedentes nem comparação.

A diversidade da população reflectia-se também no fulgor com que se vivia a religião: além dos cultos locais às divindades do Olimpo grego (Zeus, Apolo, Ares, Afrodite, Dioniso...), a presença de cultos a divindades estrangeiras atestava-se também na presença de templos romanos a Júpiter, Febo, Martes, Vénus; além do culto obrigatório ao imperador (salvador e messias), às divindades egípcias (Serápis, Osíris, Anúbis), asiáticas (Átis e Cibele), também o judaísmo era reconhecido como religião lícita. E não faltavam ali as novas religiões de mistérios vindas do Oriente, cujos pregadores circulavam pelas ruas da cidade vendendo o êxtase espiritual.

À chegada do pequenino Apóstolo, Tessalónica era um grande mercado religioso, num contexto verdadeiramente cosmopolita. Ali confluíam riqueza, grandeza, beleza e glória, farras e prazer a jorros. Porém, cerca de dois terços da população era escrava, vivendo à margem da sociedade. Foi a estes que Paulo mais se dirigiu, pois tudo leva a crer que os primigénios membros daquela comunidade cristã eram pessoas empobrecidas e sofridas que viviam na periferia, em extrema pobreza, trabalhando noite e dia com as próprias mãos, alguns como carregadores no porto. Quem, pois, se admira que ansiassem por liberdade, segurança e vida digna: ter comida, roupa e moradia decente, possuir direito de cidadania e participar das decisões da comunidade?

Paulo chegou ali, e para lhes falar da salvação de Jesus Cristo olhou-os olhos nos olhos; pelo que se eles andavam derreados também ele se derreou – não lhes falou de cima, mas desde o chão a que andavam colados!

Rezemos, pois, pelos nossos seminaristas. Oxalá tenham um futuro brilhante. E oxalá saibam sempre ajoelhar-se, quer diante do Santíssimo Sacramento, quer junto à cama dos doentes, na choupana dos pobres e nos palácios dos ricos.

Precisamos de padres grandes como o sal diluído!

II

Em 1563 a Igreja Universal decidiu-se pela instauração dos Seminários. Assumido o desafio, o primeiro seminário da arquidiocese de Braga – o de São Pedro; ficava no Campo da Vinha – recebeu os primeiros alunos em 1572. Os

anos e os séculos foram passando, os edifícios foram-se mudando ou renovando; o Seminário, porém, nunca saiu de moda, é sempre necessário. Nunca é só dos seminaristas ou só dos formadores, ou só dos bispos e dos seus conselheiros – é de todos e para todos. É prova da permanente solicitude do coração de Deus para com o Seu povo. O Seminário Faz Sentido, mas para quem? É que os jovens parecem não conhecê-lo, e se conhecem, não entendê-lo.

Aterremos um pouco mais, porque a realidade é o chão de que não podemos dispensar-nos. Veja-se:

i) Celebrei o Dia dos Seminários numa diocese que se posicionou entre as primeiras do mundo a instituir o seu Seminário – não é coisa de somenos! Ora, se na Igreja, há pouco mais de 450 anos também soubemos enfrentar desafios e rasgar avenidas, hoje não o saberemos?

ii) Os Seminários não passaram de moda, não deixaram de ser indispensáveis. Aliás, hoje, ainda precisamos mais deles. Ouvi dizer que, durante séculos, os Seminários foram verdadeiras mini-cidades. Já não hoje; hoje caberá quase tudo num pequeno prédio! Na verdade, em pouco tempo, passamos de um exército para uma pequena trupe, de ser uma fábrica de pão para um fermento minguido. Então, e vamos assustar-nos?

iii) Li um texto do Pe. Joaquim Félix, de Braga, que me fez pensar. Li que das 20 dioceses portuguesas, só 16 enviam seminaristas para a Faculdade de Teologia da UCP; e que, neste ano de 2023, destas 16 só oito inscreveram seminaristas no primeiro ano; as outras oito, não inscreveram algum. A saber: Braga inscreveu 2; Bragança 1; Coimbra 1; Guarda 2; Lamego 2; Lisboa 2; Porto 4; Viana 1. Anote bem: em 2023, em todo o Portugal, as nossas dioceses só conseguiram inscrever treze seminaristas no primeiro ano de formação! (E todos os Institutos Religiosos, três!)

As outras oito dioceses estão sem algum aluno no primeiro ano de formação; são elas: Aveiro, Leiria, Madeira, Portalegre, Santarém, Setúbal, Vila Real e Viseu!

iv) É ainda de registar serem várias as dioceses portuguesas que só têm um seminarista a frequentar o (longo) percurso de formação! E é muito de esperar que esse persevere, de tão necessário ele é!

v) Ora, ainda o ano não acabou e, só na diocese de Braga, já morreram onze guerreiros, digo, sacerdotes! Repare-se: em todo o Portugal entraram apenas 13 seminaristas – que demorarão quase dez anos a formar-se!... – e, só na de Braga, já morreram onze sacerdotes!

vi) É verdade que a cidade de Braga não tem falha de sacerdotes – mal seria, pensa-se! Mas também é verdade que, muito perto de nós, na margem do lado de lá do Cávado – a escassos seis ou sete quilómetros daqui... – há já bastos anos que cada um daqueles párocos cura seis e sete paróquias!

vii) Numa outra diocese, visitei uma velhinha de 83 anos. Disse-me: – «Chegou uma carta do Senhor Abade, mas não consegui entendê-la. Você que é dos dele, explica-ma?». O pároco é novo, menos de 30 anos, recém-chegado a um grupo de paróquias que, nos últimos 60 ou 70 anos teve, sucessivamente, três párocos, todos falecidos bem entra-

dos nos oitentas e picos... (uns incansáveis guerreiros, garanto eu!) Ora, acontece que a solicitude do bispo diocesano lhes enviou um pároco jovem e activo, que vê e sente a Igreja de outra maneira. É certo que é pastor como os antecessores; mas o que mais seria de espantar é que, nas práticas, fosse como eles... Por agora, lá vai ajuntando forças, tocando o rebanhinho, e fazendo as mudanças que pode, e mais pronto que tudo apresentou-se ao escasso rebanho depois de recensear as famílias. E, na sequência endereçou-lhes – mesmo às que não entram pela porta da igreja... – uma carta pedindo-lhes os direitos paroquiais que lhe são devidos. E é que são! Porém, a exclamação daquela velhinha que até é santa, foi: «Lá pedir pediu ele! Para escrever cartas teve tempo! Mas para me vir visitar, confessar e trazer Nosso Senhor, isso é que não!...».

(Como sou padre, e o interpelado era eu, saibam que dei razão a ambos!)

A meio daquela semana escutei uma bela homilia de D. José Cordeiro, onde referiu que numa recente visita pastoral fora interpelado por uma menina com quem, prontamente, dialogou. Quando ela percebeu que bispo é quem

manda nos padres, e que os padres «fazem ou dão missa», ela fez um «Ahhhh!!!» tão grande e expansivo que o bispo quase se assustou! E aí, terno, interrogou-a ele:

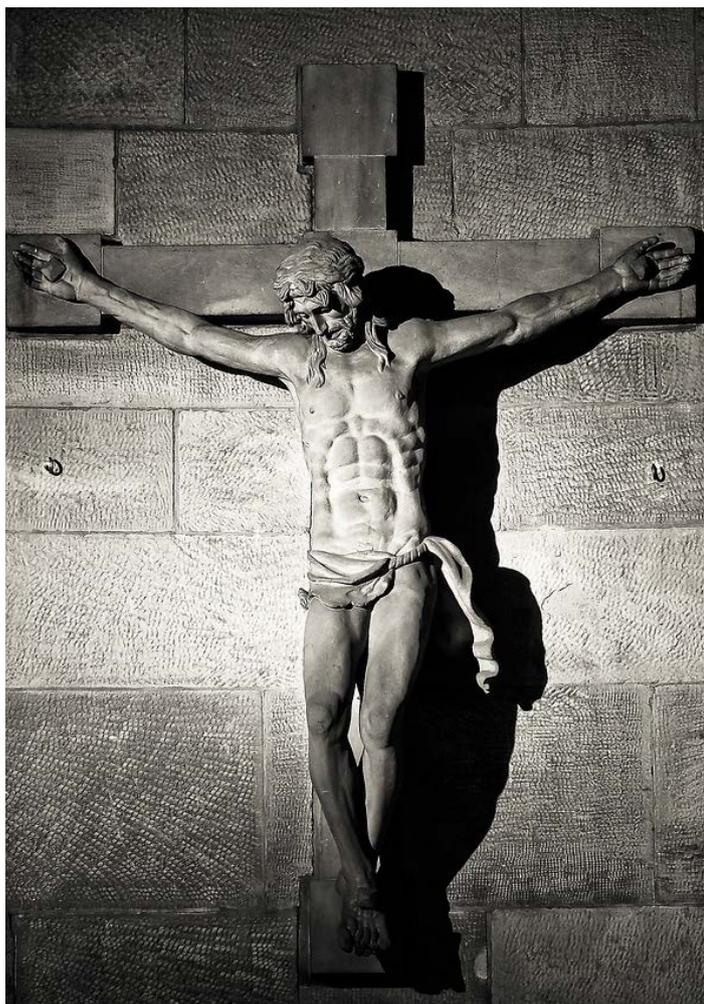
– E tu andas na catequese? Vais à Missa com os teus amigos?

– Não! Nem m'apetece! Nem sei o qu'isso é!

Logo o Senhor Bispo, solícito, mas talvez com alguma dificuldade com a linguagem mais assertiva que o caso exigia, tratou de se lhe explicar. E a miúda ouviu-o para, seca, logo rematar:

– Isso não deve ser lá grande coisa! Não estou mesmo a ver para que sirva! Se servisse para a minha felicidade os meus pais já me teriam levado à Missa, como me levam ao Dragão, aos concertos da Bárbara Tinoco e da Bárbara Bandeira; à exposição dos canitos, às festas, e a tudo que dê para fazer tik-toks.

Olha que dá que pensar: para que (nos) servirá uma missa? E, afinal, para que são precisos os seminaristas para tanto tempo e tantas energias se perder com eles?



PASTORINHO

Um Pastorinho, só, está penando,
privado de prazer e de contento,
Posto na pastorinha o pensamento,
Seu peito de amor ferido, pranteando.

Não chora por tê-lo o amor chagado,
Que não lhe dói o ver-se assim dorido,
Embora o coração esteja ferido,
Mas chora por pensar que é olvidado.

Que só o pensar que está esquecido
Por sua bela pastora, é dor tamanha,
Que se deixa maltratar em terra estranha,
Seu peito por amor mui dolorido.

E disse o Pastorinho: Ai, desditado!
De quem do meu amor se faz ausente
E não quer gozar de mim presente!
Seu peito por amor tão magoado!

Passado tempo em árvore subido
Ali seus belos braços alargou,
E preso a eles o Pastor ali ficou,
Seu peito por amor mui dolorido.

S. João da Cruz (1542-1591)